

**JOSÉ
FONSECA
E COSTA**

UM AFRICANO SEDUTOR

JORGE LEITÃO RAMOS

NÃO FICÇÃO • CINEMA

*Para a Teresa, por todas as razões,
para o Miguel, a quem o Zé Fonseca chamava «pára-quedista»,
e para a Sofia que nasceu enquanto eu escrevia este livro.*

Índice

Este Livro	11
Chegada	13
Raízes em África	17
Crescer em Lisboa	25
Cine-Clube Imagem – O Mud Juvenil em Marcha	35
Fazer Cinema	43
O Centro Português de Cinema – e <i>O Recado</i>	59
Os Anos de Abril – e <i>Os Demónios De Alcácer Kibir</i>	81
Finalmente, Sucesso de Bilheteira! – <i>Kilas</i>	97
Filmform	111
O Adeus a África – e <i>Música, Moçambique!</i>	115
Memória do Sexo Triste – <i>Sem Sombra de Pecado</i>	121
O Que Aconteceu Com Mena Na Casa Da Vereda? – <i>Balada da Praia dos Cães</i>	133
Entre o Melodrama e a Comédia Negra – <i>A Mulher do Próximo</i>	149
Um Filme Para Esquecer – <i>Os Cornos de Cronos</i>	159
Labor Alimentar – <i>Napoléon Et L'europe</i>	171

O Filme Que Não Houve – <i>O Senhor Ventura</i>	177
Os Anos da Tobis	187
Regresso ao Passado – <i>Cinco Dias, Cinco Noites</i>	191
Um Filme Em Bolandas – <i>Viúva Rica Solteira Não Fica</i>	201
Interregno	207
O Fascínio	215
Bom Termo de Um Atormentado Projecto – <i>Viúva Rica Solteira Não Fica</i>	221
Os Últimos Anos	229
Partida.	239
Uma Estreia Póstuma – <i>Axilas</i>	243
Filmografia	247
Epílogo	271
Agradecimentos	275

ESTE LIVRO

Quando, em Dezembro de 2013, o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, me deu luz verde para avançar com esta biografia, fui falar com José Fonseca e Costa com o projecto do livro debaixo do braço. Confesso que esperava alguns obstáculos no caminho.

Conheci José Fonseca e Costa em Abril de 1976, eu um jovem crítico de 24 anos, ele um realizador em ascenso, com 42. Ficámos amigos – e não apenas de sociedade, mas de casa –, uma amizade onde nunca deixei que se imiscuísse a minha independência crítica, algo que ele respeitou durante duas décadas. Mas, na Primavera de 1996, zangou-se, publicamente, na sequência do que eu escrevera sobre *Cinco Dias, Cinco Noites*. Durante sete anos, cortámos relações. Em 2003, todavia, encontrámo-nos frente a frente na Casa do Artista, ele perguntou-me se estávamos zangados, eu respondi que já não sabia – e voltámos a falar. Não recuperámos, todavia, o grau de afectividade que havia antes, a vida não volta para trás.

A proposta que eu levava a Fonseca e Costa era simples. Propunha-me escrever a sua biografia, em moldes similares ao que fizera com Fernando Lopes. Pedia-lhe que fosse falando comigo, em entrevistas dilatadas ao longo do tempo e que me autorizasse acesso a dois arquivos que eu pensava essenciais: ao arquivo da PIDE e ao arquivo do Instituto de Cinema e Audiovisual. Das conversas esperava uma bússola para me ir orientando a encontrar documentos e nexos. Mas o livro não seria um projecto comum, não seria uma longa entrevista sobre vida e obra, não seria uma autobiografia por interposto escriba, nem sequer uma biografia

autorizada. Condição *sine qua non*: ele não leria coisa alguma do que eu escrevesse antes de o livro sair da tipografia. Conhecendo bem José Fonseca e Costa, esperava alguma discussão destas condições. Para minha surpresa, não houve discussão, ele aceitou de pronto, fez-me inteira confiança.

Começámos a trabalhar no início de 2014 e fomos andando, meses fora, ao mesmo tempo que eu ia consultando arquivos e falando com outras pessoas importantes na sua vida. A doença do foro hematológico que o ia enfraquecendo desde há alguns anos acompanhava as nossas conversas, mas nunca falámos de morte, sempre de vida. Malfadadamente, a doença foi mais célere do que eu e levou o meu interlocutor e amigo a poucas semanas de este livro estar concluído. Tenho imensa pena que não o possa ler – e encolerizar-se, ou não.

Na geração de realizadores do Cinema Novo, José Fonseca e Costa foi aquele que melhor soube equilibrar a vontade de um cinema de autor com a vontade de ter público. E foi um grande cineasta de mulheres, mulheres que, no seu cinema, sempre tiveram um lugar de destaque – e de afecto, de paixão, de respeito e de fascínio – mesmo quando não tinham o papel principal.

Espero que este livro lhe possa fazer justiça. Porque, pior que uma biografia em louvaminha, só um biógrafo ingrato.

Algés, Maio de 2016

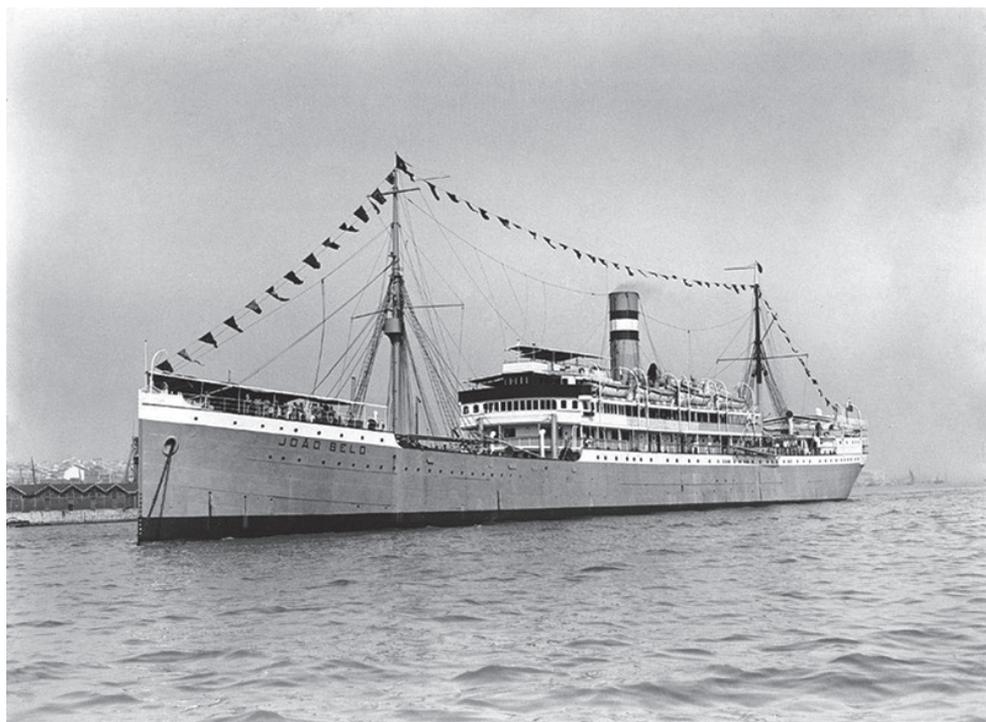
J. L. R.

CHEGADA

No dia 29 de Outubro de 1945, chega a Lisboa o paquete *João Belo*, da Companhia Colonial de Navegação, vindo dos portos da África Ocidental e do Funchal. Traz a bordo 342 passageiros, 116 sacos de correio e, sob prisão, cinco passageiros clandestinos que, à chegada, serão entregues à Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE)¹, instituída por decreto publicado uma semana antes. Uma das pessoas que, nesse paquete, cumpria a viagem de Angola para Portugal era José Fonseca e Costa. Nos dias anteriores, uma depressão situada entre os Açores e o continente tinha provocado chuva e temporal no mar, pelo que a travessia do *João Belo* entre o Funchal e Lisboa fora tormentosa. Na véspera da chegada, o Estoril Praia vencera expressivamente o Sporting por 5-0, em jornada histórica do Campeonato de Futebol de Lisboa (e o Benfica não conseguira melhor que um empate 2-2 com a CUF).

A 2.^a Guerra Mundial chegara ao fim. A Alemanha rendera-se em Maio e o Japão capitulara em Setembro, nem um mês volvido sobre o bombardeamento atómico de Hiroxima e Nagasáqui. A José da Fonseca Costa, comerciante da Caála, em Angola, deve ter parecido um bom momento para vir e trazer a família para Lisboa. José e Ana Maria, os dois primeiros filhos do seu casamento com Ana Emília, já tinham concluído a instrução primária e fazer diariamente, de comboio, os quase trinta quilómetros que separavam a Caála do Huambo – a localidade mais próxima onde havia ensino liceal – não se punha como opção permanente.

¹ Jornal *Diário de Lisboa*, 30 de Outubro de 1945.



O paquete João Belo

Trazê-los para Portugal era, portanto, necessário, estava assente que fariam o liceu e, depois, a universidade. Em Lisboa já estava outro filho mais velho, Albano, que cursava o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras¹.

A última fase da viagem fora complicada pelo muito agitado estado do mar. Todavia, «quando chegámos à entrada da barra, foi um sossego. O céu estava coberto de nuvens, mas ver a cidade daquela perspectiva, era uma beleza. A maior parte das pessoas tinha enjoado, os únicos que não tinham enjoado foram o comandante e o meu pai. Detestei Lisboa. Não tinha nada que ver comigo. Chegámos num dia cinzento e lembro-me da viagem até à casa onde fomos morar, aliás, belíssima, um rés-do-chão com quintal na Avenida da República, n.º 33, num prédio entretanto demolido – mas tudo o que víamos nos encheu, a mim e aos meus irmãos, de uma grande melancolia porque pensávamos que Lisboa fosse outra coisa»². A ida para aldeia da família do pai – Pindelo, freguesia de Silgueiros, perto de Viseu – também não dá motivos para entusiasmo. «Quando chegámos a Portugal, os meus avós ainda eram vivos e tinham casa em Pindelo. O meu

¹ Entrevista de Ana Maria Carvalheiro Vieira de Almeida ao autor, 4 de Janeiro de 2016.

² Entrevista de José Fonseca e Costa (JFC) ao autor, 18 de Fevereiro de 2014.

pai resolveu que a resolução dos nossos problemas escolares poderia ocorrer na terra dele. No que respeita à Ana Maria, ela deveria acabar a quarta classe, fazendo a admissão ao liceu, sendo Pindelo a terra mais indicada para o fazer por viver em Pindelo uma excelente prima dele, professora primária, que daria uma prendada educação primária à sua filha “preferida”; no meu caso o liceu de Viseu, ali ao lado, facilitava a minha passagem do primeiro para o segundo ano [...]. Resolveu portanto o meu pai, à velha maneira beirã autoritária, que os meninos seriam educados em Viseu, fazendo aí o liceu, longe dos perigos da grande cidade onde nunca tinham vivido.

Aconteceu-lhe aquilo que se passou com o célebre general do exército alemão que invadiu a Rússia: não contou com o general Inverno.

Não aguentámos o admirável clima de Pindelo de Silgueiros, não achámos graça nenhuma à neve, nem às frieiras, nem aos pés gelados e o senhor Costa achou por bem trazer-nos para Lisboa¹.»

O severo frio da Beira Alta não é amigável para os meninos habituados ao calor dos trópicos – e Pindelo é, na época, uma aldeia rude, medieval, granítica, escura, sem luz eléctrica.

Portugal vive então um clima de esperança e efervescência política. O fim da guerra e a derrota dos nazi-fascismos não fizera desaparecer a carestia de alimentos essenciais que se vive no país, mas o ambiente geral na Europa faz crer que a queda de Salazar e do Estado Novo é para agora. A 5 de Outubro, muito expressivas manifestações públicas de sectores da Oposição em comemoração republicana haviam parecido um bom sinal. No dia seguinte, a Assembleia Nacional fora dissolvida e aberto um período eleitoral. A 7, Salazar falara aos deputados cessantes – e parecera a muito boa gente que se preparava para abandonar o poder. Testemunhas íntimas do Chefe do Governo referem mesmo um estado de depressão e de melancolia que o invade. Cria-se o Movimento de Unidade Demo-



José Fonseca e Costa em 1945
(fot. cedida pela família de JFC)

¹ Testemunho de JFC ao autor por *e-mail*, 13 de Junho de 2014.

crática, plataforma onde converge toda a Oposição, dos velhos republicanos ao Partido Comunista, para concorrer às eleições a realizar a 18 de Novembro que o ditador há-de dizer «tão livres como na livre Inglaterra». Mas não serão, o MUD retira-se antes de comparecer às urnas por considerar não existirem condições mínimas de igualdade, a ditadura está para durar mais vinte e tal anos.

Todavia, todo este clima passa um tanto ao lado daquela família africanista em que a maior parte dos membros terá de se adaptar a uma realidade nova e muito diferente da angolana, embora o activismo político de alguns deles vá ser importante, anos depois.

A ideia de vir para Portugal não era de carácter definitivo e sem retorno. Pelo contrário, a família sempre pensara haver hipóteses de regresso a África. Assim acontecerá com os pais e alguns irmãos do pequeno Zeto. Mas nem ele, nem a irmã Tana, imaginavam que nunca mais voltariam a viver na Caála e que Lisboa havia de ser a sua cidade. Muito a haviam de amar no futuro, um futuro que nesse dia de Outubro de 1945 nem sonhavam qual viria a ser.

RAÍZES EM ÁFRICA

A 11 de Setembro de 1902, no lugar de Pindelo, freguesia de Silgueiros, concelho de Viseu, nasce José da Fonseca Costa. Era filho de Júlia Augusta da Fonseca (que nunca tomara o nome do marido porque ele era um modesto operário da construção civil que os FONSECAS, «muito poderosos na zona do Pindelo»¹, haviam rejeitado) e de António Joaquim da Costa, de Passos de Silgueiros, pedreiro de profissão, por alcunha o Brillhante, um homem muito divertido que JFC conheceu e que, aliás, chegou a viver com a família em Lisboa. Era um bom copo e JFC lembra-se de fazer com ele, o «circuito» das carvoarias, onde se vendia vinho tinto avulso².

Feita a 4.^a classe e como a família não tem hipóteses de ele continuar a estudar, José vai para Lisboa, morar com uma irmã mais velha – Lúcia –, fazer-se à vida. Durante dois anos trabalha como marçano³. Tem 14 anos quando, em plena 1.^a Guerra Mundial, vai para Angola, com uns primos, à procura de melhor sorte, à aventura. Dizem as lendas familiares que, em 1920, quando se embrenhou terra dentro, chegou ao Lépi e perguntou onde se poderia alojar, lhe disseram não haver ali pensão ou qualquer forma comercial de conseguir hospedaria, mas que batesse à porta do senhor Carvalheiro, «porque ele recebe toda a gente». Assim terá feito e ali ficado algum tempo. O seu amável hospedeiro tinha uma filha, a pequena Anita, com três anos, a quem ele, um dia, terá pegado ao colo, feito uma cruz na

¹ Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

² *Idem.*

³ *Ibidem.*



Ana Emília Carvalheiro numa foto dedicada ao seu futuro marido pouco antes de casar (fot. cedida pela família de JFC).



José Fonseca e Costa ao colo com os pais e os irmãos anteriores ao casamento (fot. cedida pela família de JFC)

cabeça e premonizado: «Um dia ainda hás-de ser minha mulher¹.» Depois embrenha-se no mato, começa a comerciar com os nativos, a fazer fortuna. É o primeiro branco a chegar ao Cuangar, lá para as terras do fim do mundo, no Cuando Cubango, junto à fronteira com a Namíbia, onde se instala. Os indígenas hão-de chamar-lhe Kafundanga no dialecto local, por causa do seu feitio que podia passar de calmo a irascível como se fosse um rastilho de pólvora. Aí terá ficado muito doente, de bilharziose, uma doença parasitária muito grave, esteve à morte. O soba local, por deferência, ter-lhe-á dado uma sobrinha para tomar conta dele. José terá dito que não queria, mas o soba insistiu. Terão três filhos juntos – Júlia, Albano e Etelvina. Júlia e Albano morrerão cedo, tuberculosos, Júlia ainda em Angola, Albano internado no sanatório do Caramulo, em Portugal, morre em Pindelo «na

¹ Entrevista de Cucha Carvalheiro ao autor, 6 de Junho de 2014.

casa que aparece n' *O Recado*¹, no final dos anos 40), Etelvina ainda está viva, em 2015, mora na região de Lisboa. O destino da mãe deles pertence, na família, ao domínio do não-dito.

O senhor Carvalheiro, António Marques Carvalheiro de seu nome completo, era natural da serra de Tomar, agrimensor de profissão, e teria laborado durante anos no gigantesco empreendimento da construção do Caminho de Ferro de Benguela. Era casado com uma senhora mulata, Olinda Amélia das Neves Marques Carvalheiro, que fora educada em Portugal, muito distinta, tocava piano, vestia-se de Paris, encomendava roupa por catálogo, falava francês como convinha a uma senhora prendada... Uns anos antes, António fora trabalhar para Moçambique, na contracosta, e aí nascera, em Mocuba (Zambézia), a 18 de Novembro de 1916, Ana Emília das Neves Marques Carvalheiro. Em 1918, a família muda-se, de novo, para Angola, adquirira uma fazenda, António tornara-se também agricultor. Alguns anos volvidos, quando inspeccionava a estrada de Luanda para o Huambo de que participara na construção, algures «no meio do mato, tem um ataque, supõe-se que uma peritonite, não houve socorro e morreu»². A morte terá ocorrido perto de Quibala e é possível que lá tenha sido enterrado. «Em 1957, eu e os meus pais fomos lá ver se encontrávamos a sepultura, mas não conseguimos nada»³, confidencia, muitos anos depois, a neta Ana Maria. Nunca se encontrou. «Um filho dele, António, andarà toda a vida obcecado por saber onde estaria o pai. António Marques Carvalheiro deixa uma fortuna considerável, mas Olinda Amélia, com seis filhos menores, será devidamente roubada»⁴ por quem se aproveita da sua pouca inclinação para os negócios. Até que José da Fonseca Costa reaparece, e «vem salvar esta família de morrer na miséria, porque toma conta deles todos»⁵. José enamora-se de Ana Emília e casam – a 28 de Setembro de 1932, na capela da Caála, em cerimónia presidida pelo padre José Sutter, superior da Missão Católica do Cuando⁶. A noiva é uma criança, nem tem ainda 16 anos completos... A lua-de-mel é passada na Ganda, uma vila 150 km a oeste da Cáala, onde o casal estabelece a residência permanente. Nove meses volvidos – a 27 de Junho de 1933 –, têm o primeiro filho, varão. Na grande casa de família vivem, além do casal com o novo filho, os filhos naturais de José que ele trouxera consigo, os irmãos de Ana Emília e Olinda Amélia.

¹ Entrevista de Ana Maria Carvalheiro Vieira de Almeida ao autor, 4 de Janeiro de 2016.

² Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

³ Entrevista de Ana Maria Carvalheiro Vieira de Almeida ao autor, 4 de Janeiro de 2016.

⁴ Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

⁵ *Idem*.

⁶ *Jornal O Lobito*, 5 de Novembro de 1932.

Em casa decide-se que o nome a dar à criança deveria ser José António (daí o diminutivo Zeto com que, durante toda a vida, será tratado em família), mas o pai, quando o vai registar à Missão do Cuando, dá ao filho o próprio nome – José da Fonseca Costa.

O facto de ter exactamente o mesmo nome do pai dará origem a algumas confusões ao longo da vida de ambos. Mas não será por isso que, muitos anos volvidos, já depois de ter começado a fazer filmes, o realizador o muda, artisticamente, para José Fonseca e Costa, mas por razões de cacofonia entre os dois apelidos. Essa mudança «é uma coisa que nunca me agradou nada, mas mesmo nada, porque não é o meu nome»¹.

Outros filhos se seguirão: Ana Maria (n. 9 de Setembro de 1934), António (n. 18 de Março de 1936) e, já nados em Lisboa, Olinda Maria (n. 4 de Junho de 1948) e Manuel (n. 30 de Agosto de 1953).

Em 1933, a Caála é um simples posto da circunscrição do Lépi, distrito de Benguela. Nascera em torno da primeira estação definitiva edificada pelo Caminho de Ferro de Benguela no seu caminho para a fronteira congoleza e, desde 1929, tomara o nome de Vila Robert Williams (em homenagem ao engenheiro escocês que impulsionara a construção da via férrea nessa data concluída). Os locais, todavia, sempre lhe chamariam Caála, topónimo tradicional que seria recuperado após a independência de Angola, em 1975. O território abrangido pelo posto, na sua totalidade, tem, no final de 1933, uma população de 20 467 pessoas, assim dividida, segundo a expressiva nomenclatura estatística colonial: Euro-africanos – 76 (43 varões, 33 fêmeas), todos cidadãos nacionais; Europeus – 163 (nacionais: 117 varões e 40 fêmeas; estrangeiros: 4 varões e 2 fêmeas); Mestiços – 60 (25 varões, 35 fêmeas); Assimilados – 12 (10 varões, 2 fêmeas); Indígenas – 20 156 (10034 varões, 10 122 fêmeas)². José Fonseca e Costa é um daqueles 43 varões referenciados como euro-africanos.

A Caála desenvolve-se muito rapidamente, de tal maneira que, logo em 1934, o governador-geral de Angola, coronel Ferreira Viana, vai transferir para ali a sede da circunscrição que ascenderá a sede de concelho em 1956³. Em 1970, com o nome de Robert Williams, sobe à condição de cidade.

Muito rica do ponto de vista agrícola, a Caála tornar-se-á, em pouco tempo, a rainha angolana do milho. Apenas como exemplo, refira-se que, em 1956, 35 % de toda a produção exportável de milho de Angola tem origem nessa região.

¹ Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

² *Anuário Estatístico de Angola – Ano de 1933*, ed. Imprensa Nacional, Luanda, 1935.

³ *Caála: Memórias de uma Comunidade*, recolha de dados: Alberto Leite... [Et al.], ed. Galé - Artes Gráficas, Mealhada, 2010.



A avó Olinda com o pequeno Zeto ao colo
(fot. cedida pela família de JFC)



JFC a brincar, descalço, no quintal da sua casa na
Caála (fot. cedida pela família de JFC)

A firma de que José da Fonseca Costa é, nessa data, sócio – a Oliveira Barros & C.^a – é a terceira mais importante da Caála, tendo assegurado, nesse ano, 32 289 sacos num total de toda a região de quase 390 mil¹.

José da Fonseca Costa começara por fazer negócios de permuta. «É a velha história das missangas que se trocavam por produtos locais. No caso do meu pai, ele comprava mercadorias em Portugal, tecidos, por exemplo, e fazia a permuta por géneros alimentícios, sobretudo milho e feijão, que depois exportava. Mais tarde fundou várias empresas que exportavam produtos de Angola para diferentes países, produtos alimentícios, mas também sisal e cera de abelhas.» Num dado momento, tem uma fazenda onde se cultiva sisal, muito valorizado nos anos da 2.^a Guerra Mundial. «Mas a fortuna do meu pai não poderia ter crescido para lá de determinado patamar se não tivesse outros negócios. Num dos primeiros locais

¹ *Idem.*



JFC em criança numa foto de estúdio
(fot. cedida pela família de JFC)



Os pais de JFC em 1938
(fot. cedida pela família de JFC)

onde ele começou por se instalar, perto da Jamba, na região de Cassinga, encontrou ouro. Extraía-o e metia o ouro nuns frascos pequenos, vinha para o Lobito e entregava-os a capitães de barcos que o transportavam para Portugal. Aqui era vendido a um inglês que eu ainda conheci e com quem ele, quando se instalou em Lisboa, almoçava todas as semanas no velho English Bar de Cascais¹.» Os negócios de José da Fonseca Costa em Angola prolongam-se para lá da descolonização. Mas, ainda nos anos 70, quando as condições se tornam insustentáveis, acaba por liquidar as empresas naquele país. Virá a morrer em Lisboa, a 21 de Agosto de 1992, a poucos meses de cumprir 90 anos. Ana Emília sobrevive-lhe quase década e meia: falecerá, também em Lisboa, a 2 de Março de 2007. Da sua mãe Anita escreverá o futuro cineasta, num texto de 2009, que ela fora «a primeira paixão da minha vida, a mais doce das mulheres que conheci, a que nunca me recri-

¹ Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

minou, a que sempre quis encontrar o pai que mal conhecera, a que de mim dizia de como não queria perder-me»¹.

José Fonseca e Costa cresce na liberdade dos trópicos e no calor de uma família numerosa: «Eu era filho de uma criança. E havia quatro mulheres que cuidavam de mim, a minha mãe, a minha avó, a Etelvina, uma meia-irmã minha, mais velha, com mais oito ou nove anos que eu, e uma tia, irmã da minha mãe. Eu era o menino na mão das bruxas... Há dois episódios que a minha mãe contava e me fazem rir quando me lembro deles. Quase não deixavam que a minha mãe me pegasse porque era muito desajeitada, mas um dia disseram-lhe: “Anita, vai lá pesar o menino” – e ela chegou ao pé da cómoda onde estava a balança, pôs-me na balança e eu caio para o meio do chão. A minha mãe foge a correr e aos gritos, “matei o meu filho, matei o meu filho!” Mas eu estava ótimo, nada me tinha acontecido. O outro episódio foi depois do nascimento da minha irmã Ana Maria. A minha mãe contava que um dia entrou no quarto onde estava o berço e deu comigo com um prego apontado ao ouvido dela e um martelinho...»².

Os primeiros quatro anos de escolaridade são feitos na Caála – na Escola Primária n.º 34 de Lourenço Malheiro – depois ingressa no Colégio Alexandre Herculano de Nova Lisboa para o ensino liceal. «Tinha de ir de comboio – no Caminho de Ferro de Benguela – percorrer, todos os dias, os 25 km que separam a Caála de Nova Lisboa³.» E recebe uma formação religiosa no seio do catolicismo, como é comum na época. («A minha mãe e a minha avó eram católicas praticantes, o meu pai não, e eu fiz a primeira comunhão e todas essas coisas.⁴» Muito mais tarde, «sofri na adolescência o choque terrível que foi a descoberta de uma Igreja que pregava a igualdade entre os homens e que no dia-a-dia apoiava o Ditador, para mim o grande responsável pelas injustiças e a miséria que faziam o nosso dia-a-dia. O meu corte com a Igreja foi violento e radical. Passei para o outro lado. E radicalizei, com o passar dos anos⁵.»)

Nesses primeiros anos de vida, a figura da avó materna é muito importante para ele. «A minha avó era filha de um colono português de Tomar. Alguns dos irmãos fixaram-se no Norte de Angola – na região de Ambrizete –, outros foram para Moçambique. A minha avó viajava com frequência da nossa casa na Caála, onde ela também vivia, para Moçambique. Fazia essa viagem pelo menos duas vezes por ano – para visitar os irmãos. Em Lourenço Marques, tínhamos dezenas

¹ «Uma Noite Escura», in revista *Visão*, 5 de Novembro de 2015.

² Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

³ *Idem*.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Depoimento de JFC no livro *Portugal – Tempo de Paixão* de Leonor Xavier, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2000

de primos. Um dos primos da minha mãe – Augusto das Neves Gonçalves – foi um dos fundadores do Rádio Clube de Moçambique¹.» A avó terá sido determinante na vida daquela criança que dela guardaria uma memória vívida, quase mítica e muito cinematográfica: «A minha avó Olinda, que vestia roupas brancas que vinham de Paris e tocava Chopin num piano *Pleyel* do tempo de antigos anos dourados, foi a minha segunda paixão, ficava a espiá-la pela frincha da porta da sala, sentada ao piano, muito hirta mas leve ao mesmo tempo, e deixava-me embalar pela sua beleza e pelo tom encantatório da música. “Um dia hei-de tocar piano”, dizia com os meus botões².» Mas nunca aprendeu.

Olinda Amélia, que padecia de asma em alto grau, vem disso a falecer a 24 de Junho de 1945³, a poucas semanas de a família vir para Portugal. O pequeno Zeto servirá de acólito numa missa pela sua alma⁴. Nunca mais voltará ao cemitério onde ela repousa.

¹ Entrevista de JFC ao autor, 17 de Março de 2014.

² “Uma Noite Escura”, in revista *Visão*, 5 de Novembro de 2015.

³ Entrevista de Ana Maria Carvalheiro Vieira de Almeida ao autor, 4 de Janeiro de 2016.

⁴ Depoimento de JFC no livro *Portugal – Tempo de Paixão* de Leonor Xavier, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2000